

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
GESTÃO ESTRATÉGICA EM POLÍTICAS PÚBLICAS

Charles Lemos Costa
Sônia Maria C. Gomes Orellana

**Adolescentes com Comportamento Violento nas Escolas Públicas do
Município de São Paulo**

São Paulo
2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
GESTÃO ESTRATÉGICA EM POLÍTICAS PÚBLICAS

Charles Lemos Costa
Sônia Maria C. Gomes Orellana

**Adolescentes com Comportamento Violento nas Escolas Públicas do
Município de São Paulo**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Comissão Avaliadora
como exigência parcial para obtenção
do certificado de conclusão do curso
de Especialização em Gestão
Estratégica em Políticas Públicas,
pela Universidade Estadual de
Campinas.

Orientadora: Maria Cristina Briani

São Paulo
2015

Sumário

1 ANÁLISE DA SITUAÇÃO-PROBLEMA	4
1.1 Fluxograma	6
2 NÓS EXPLICATIVOS	7
2.1 Identificação dos nós estratégicos	22
2.2 Análise dos Nós Estratégicos	22
2.2.1 NE1	22
2.2.2 NE2	23
2.2.3 NE3	24
3 ÁRVORE DO PROBLEMA	26
4 PLANO DE AÇÃO	29
5 ANÁLISE DE ATORES	34
6 ANÁLISE DE RISCOS E FRAGILIDADES	45
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

1 ANÁLISE DA SITUAÇÃO-PROBLEMA

Adolescentes com Comportamento Violento nas Escolas Públicas do Município de São Paulo

O Estado brasileiro é fruto de uma colonização excludente, baseada no clientelismo, mandonismo, nepotismo, patriarcalismo e outros. É também elitista. Apesar de o país ser forjado num passado macabro, a Constituição de 1988 garantiu avanços sociais que foram reforçados com o Governo Democrático e Popular liderado pelo Partido dos Trabalhadores no poder desde 2003. Muita gente saiu da miséria, mas ainda assim, o Brasil é imensamente desigual. Os problemas sociais estão estampados na imagem da nação e estão por toda parte.

A escola é o local para onde convergem esses problemas e a mesma não tem conseguido resolvê-los, pois é parte do Estado Herdado e sofre com o insulamento, a burocracia e os entraves que dificultam a efetividade das ações e a participação popular nas decisões, gerando conflitos.

A violência é a expressão da desigualdade nas escolas públicas brasileiras que nesse quesito registra índices alarmantes. Diante de tal gravidade é necessário que se frise a necessidade da resolução de um problema pertinente nos estabelecimentos públicos de ensino do Município de São Paulo, “o comportamento violento dos adolescentes”.

Segundo pesquisa recente feita a pedido da APEOESP, entidade sindical dos professores do Estado de São Paulo – “Violência nas escolas: O Olhar dos professores”, 2013, 84% dos professores afirmam ter conhecimento sobre casos de violência nas escolas que trabalharam em 2012. A maioria das vítimas são alunos (83%) e professores. Essa violência se manifesta como agressão verbal, bullying, vandalismo, agressão física (54%), furto, discriminação, assalto, violência sexual e assassinato. De cada dez professores, três já presenciaram o tráfico de drogas dentro das escolas e 81% consideram os bairros onde estão situadas as escolas como violentos. As escolas mais violentas estão na periferia da cidade. Segundo a mesma pesquisa, as escolas mais violentas são aquelas que promovem menos ações antiviolação, não têm projetos para contê-la, seus conselhos escolares não se reúnem regularmente com a comunidade. Para os professores, a melhor forma de conter a violência é envolver os alunos em debates, discussões e promover a participação nas atividades das escolas. Ainda segundo os

dados, as escolas que abrem aos finais de semana para a comunidade são as menos violentas e as causas da violência são a postura autoritária ou omissa da direção, os problemas sociais, violência fora da escola, problemas familiares, falta de professores e a aprovação automática.

Pelo exposto, os fatores que levam ao crescimento dos números da violência dentro das escolas são na sua maioria os mesmos que afetam grande parte da população brasileira. Para a sobrevivência da família, os pais se submetem a excessivas horas de trabalho e ao transporte caótico, ficando mais distantes do convívio familiar. Não há tempo para dialogar e interagir com os adolescentes. Muitos são os casos de violência no ambiente doméstico e circunvizinho. Reprimidos, colocam todas suas frustrações e revoltas em prática no ambiente escolar.

Os servidores da educação também estão imersos em seus problemas, sem autonomia, desvalorizados, humilhados pelo poder público que constantemente os ameaça com o perigo de perder seus direitos individuais; no geral, não sabem agir diante da situação. A escola é desatualizada e desestruturada. Não é acolhedora. O Estado, por sua vez, não atua efetivamente nesses conflitos, seus representantes de direção escolar, coordenação e outros, não estão preparados para fazer mudanças e encontrar saídas eficazes para a solução dos problemas no ambiente escolar. O que se espera dos governantes é que desenvolvam políticas públicas de qualidade que sejam capazes de diminuir esses índices de violência dentro do ambiente escolar e torná-lo prazeroso e um lugar seguro para todos.

2 NÓS EXPLICATIVOS

1 – EDUCAÇÃO VOLTADA PARA A ÓTICA DO CAPITAL

A implantação do neoliberalismo no Brasil delineou a educação para responder aos interesses do capital.

Pressionado pelos empresários, pela burguesia e organismos internacionais, os governos de então, mudaram os currículos e as leis para adaptar a educação à nova dinâmica do capitalismo internacional.

O argumento da elite para tal mudança era que para distribuir renda e eliminar a pobreza seria necessária à qualificação profissional, pois os trabalhadores poderiam competir no mercado de trabalho. O mercado necessitava de trabalhadores bem “educados e qualificados” que dominassem competências e habilidades úteis ao mundo do capital, mantendo a burguesia nacional competitiva frente à globalização.

Mudada as leis, o Estado deveria universalizar o ensino e propiciar ao estudante o acesso às novas tecnologias e a formação para o trabalho.

A educação que era predominantemente pública e voltada para a formação integral do ser humano, inclusive, como ser político e capaz de exercer de forma autônoma e crítica a cidadania, passou a reproduzir os valores, os imaginários e as condições sociais exclusivas do sistema cultural predominante.

Ao mesmo tempo o Estado brasileiro, submete-se ao Consenso de Washington, cortando gastos sociais aumentando a miséria, principalmente nas grandes cidades. Os investimentos na educação pública diminuíram num momento de universalização do ensino, precarizando as instalações escolares, os salários dos professores e favorecendo o aumento da violência nas escolas e suas cercanias.

Nesse ínterim ocorreu uma crescente mercantilização da educação. Os mais abastados passaram a matricular seus filhos nas escolas particulares livrando-os do ensino precário e da violência mais presente nas escolas públicas. As escolas privadas se multiplicaram, encareceram e reforçaram a meritocracia, garantindo os filhos da elite nos bancos das universidades públicas. Os filhos dos pobres, sem condições financeiras, sujeitavam-se a vontade de políticos espúrios, estudando em escolas com educação precária, voltadas para o mercado de trabalho e sujeitas a todo tipo de violência.

Como “presente” por retirar seus filhos das escolas públicas, as classes mais favorecidas receberam do Estado o direito de descontar do imposto de renda, parte das despesas com a educação privada, ocorrendo à transferência de recursos públicos para a iniciativa privada e dos mais pobres para os mais ricos. As condições sociais impostas pelo capital reproduziram-se perfeitamente de acordo com os interesses das camadas dominantes.

Por mais esforços que o governo democrático e popular tenha feito para mudar a situação de anos de abandono do ensino público, a realidade ainda é de desigualdade e os investimentos estatais são insuficientes para que tenhamos uma educação pública de qualidade que seja libertadora e humanizada.

2 - RECURSOS INSUFICIENTES PARA A EDUCAÇÃO PÚBLICA

A reforma do Estado implantada nos anos do neoliberalismo, iniciada na última década do século passado tinha como principal justificava a necessidade de reduzir as funções assumidas pelo Estado brasileiro e implantar uma administração mais eficiente e gerencial. O Estado regula os serviços como a educação por meio de avaliações, que permitem controlar, medir e atestar a eficiência e a qualidade. A avaliação faz parte da estrutura da administração gerencial.

O conceito de qualidade é transferido para o campo econômico, de mercado. Há, portanto, menos gastos com educação, menores salários e investimentos. Nesse período houve um sucateamento do ensino público e a consequente expansão do ensino privado. Os filhos dos trabalhadores foram os mais prejudicados, pois aqueles que tinham condições financeiras, simplesmente abandonaram a escola pública. Ao mesmo tempo houve a inclusão sistemática das classes menos favorecidas ao sistema público, porém sem a qualidade de antes, já que o objetivo da inclusão seria satisfazer as cobranças dos organismos internacionais que exigiam dos governos números cada vez menores de repetência e da evasão escolar. Enfim, o Estado negligenciou suas atribuições e as políticas públicas no geral, afetando diretamente as famílias e o público escolar na oferta de saúde, inclusive mental, segurança, esportes e educação de qualidade, contribuindo para a violência que aumenta nas imediações das escolas e consequentemente refletindo na mesma. Nos últimos anos, houve um incremento dos investimentos na educação, mas diante da precariedade encontrada, não são suficientes.

3 - GESTORES DESPREPARADOS

A aplicação do gerencialismo no serviço público levou à montagem na educação de moldes semelhantes aos aplicados nas empresas privadas. Dentro dessa ética, os gestores sujeitam-se às oscilações dos mercados e às exigências do político de “plantão”.

Exigem-se resultados numéricos dos gestores da secretaria municipal, que cobram dos gestores das unidades de ensino, que exigem dos professores, numa hierarquização da gestão.

Por falta de escolas de governo adaptadas à realidade do cotidiano escolar e comunitário, os gestores não conseguem enfrentar a problemática da educação. Despreparados, são abandonados pelos superiores hierárquicos. Algumas vezes são vítimas de professores despreparados, descompromissados e corporativistas. Não raramente, são alvos de traficantes, sofrem com o excesso de trabalho, baixos salários, falta de recursos humanos e materiais, pressão dos conselhos tutelares, do governo, dos professores, dos alunos e da comunidade escolar. Sofrendo com a violência, desmotivados, há uma conformação com a imposição do sistema.

Surgem os gestores sem competência técnica-pedagógica e política. Não têm liderança, não sabem conduzir a gestão democrática. Sem um projeto claro, exequível e com pouco apoio dos órgãos competentes, favorece o insulamento que compartimentaliza e fragiliza as relações dentro do ambiente escolar, dificulta o êxito escolar, o acesso ao serviço público e contribui para a violência em vários formatos.

4 - A “GESTÃO DEMOCRÁTICA” NÃO É APLICADA INTEGRALMENTE

O gerencialismo contribuiu para o aumento de gestores, despreparados, desmotivados e sem liderança que não conhecem e nem imaginam a importância da gestão democrática para a resolução dos problemas. Não reconhecem sua importância como efetivos fomentadores da ética e cidadania. Não percebem a utilidade da integração da escola com a comunidade para resolver os problemas e até para conter a violência no ambiente escolar e imediações, excluindo das decisões os alunos, pais e professores dos estabelecimentos de ensino. Não visitam as salas de aula, não se reúnem com os representantes de turma. As reuniões servem apenas para informes das decisões que surgem de “cima para baixo”, agem autoritariamente, tratam alunos de forma diferenciada, estão ausentes da rotina escolar, se trancafiam nos “gabinetes”, não dialogando, são incapazes de impor respeito dentro e fora da escola.

O gestor não se reconhece como primeiro responsável pela gestão democrática dentro das escolas. Sendo assim, não incentiva e às vezes até impede a participação dos demais atores da comunidade escolar. Não convocam a assembleia dos diversos segmentos do

conselho escolar para decidirem sobre rumos da escola. Não são transparentes na gestão dos recursos e convocam reuniões em horários impróprios, quando as pessoas estão no trabalho e não podem comparecer. Interferem no processo eleitoral para a escolha dos membros da direção e do conselho escolar, utilizando do clientelismo com alunos, professores ou comunidade escolar visando ocupar um cargo que futuramente possa render-lhe “frutos” políticos.

Ainda assim, é possível observar escolas relativamente seguras em bairros onde há muita violência e vice-versa. Esse contraponto pode ser observado nos locais onde há relações estabelecidas entre os vários atores sociais. A escola surge como espaço de socialização para os jovens.

5 - PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO APLICADO PARCIALMENTE

O gestor e o professor tem uma responsabilidade muito grande no processo de elaboração do Projeto Político e Pedagógico, pois são eles que têm as competências para que o Projeto Político Pedagógico seja realmente participativo, incentivando a interação com a comunidade escolar, levando em conta as inovações tecnológicas do mundo atual, características da comunidade e da escola para a definição do trabalho de todo ano letivo.

O PPP deve identificar situações de risco e conflito e propor medidas que possam sanar ou amenizar os problemas. Deve conter também atividades que promovam a valorização do estudante, elevando sua autoestima, tentando resgatá-lo e tornando-o corresponsável pela harmonia no ambiente escolar.

Os gestores e o professor são responsáveis pela execução do planejamento. Devem estar atentos a todas as situações conflitantes, aproveitando esses momentos para reflexões, discussões e intervenções. Sendo conciliadores devem contribuir para um ambiente de harmonia. Eles se tornam responsáveis pela violência quando se omitem ou promovem o desrespeito e a intolerância.

O PPP envolve a ação conjunta de todos os segmentos escolares. Todos são chamados a perceber onde estão às raízes da violência e todos devem assumir seus erros, propor soluções e partir para ação. Ficar culpando uns aos outros não resolverá. A comunidade precisa resolver conjuntamente. O PPP da identidade à escola.

A aplicação em parte do projeto político pedagógico se dá quando os atores principais se negam a cumprir o que foi acordado ou falham ao não permitir a participação de algum ente escolar, não desenvolvem projetos que façam uma integração entre a escola e a

comunidade que faria existir um sentimento de pertencimento à escola e que só teria sucesso com a participação de todos os seus integrantes em diversas atividades na área das artes, pesquisas de campo, visitas a museus, passeios, prática de esportes, musicalização, festas típicas e tradicionais, com a abertura das escolas para a comunidade nos finais de semana.

A omissão do gestor e do professor é muito frequente nas escolas públicas, principalmente porque não se sentem pertencentes àquela realidade social, contribuindo para a manutenção das estruturas que levam à violência nas escolas.

6 – ESCASSOS PROJETOS QUE MOTIVEM OS ESTUDANTES

Cada dia mais cedo os novos brasileiros são inseridos em uma sociedade que os leva a fazer escolhas a partir de diversos valores relacionados ao capital, como o individualismo e a exacerbação do consumo, tornando as pessoas mais distantes umas das outras. Com as novas tecnologias há a falta do contato, favorecendo o desconhecimento do outro, a intolerância e os preconceitos que são fatores carreadores da violência.

Por outro lado, o ambiente escolar é um local de diversas interações que vão além do conteúdo. A escola não pode simplesmente ser uma reprodutora das relações sociais capitalistas. Deve ter uma função, além disso. Do contrário, perde o seu significado. É lugar de adquirir conhecimento, aprendizagem, mas, sobretudo, de formação de espíritos críticos e de valores éticos, do encontro com a diversidade, da socialização pautada pelo diálogo, a solidariedade, respeito pelo outro e a tolerância, tornando-nos mais humanos.

Para que tudo isso se torne realidade, dentro do PPP deve haver espaço para projetos que confluem para a resolução da pauta social, especialmente aqueles que valorizem as relações humanas. A instituição educacional tem potencial para tecer relações na comunidade escolar e na comunidade na qual está inserida.

É uma pena que reclamando da falta de estrutura e de investimentos, grande parte dos gestores e professores omitem de suas responsabilidades, negando-se a construir projetos, por ser mais trabalhoso e contentam-se em ser um “dador de aulas” chatas e monótonas que geram desinteresse nos alunos e favorecem conflitos no ambiente.

7 - INFRAESTRUTURAS ESCOLARES INADEQUADAS

Há grandes dificuldades na gestão das escolas, resultando em estruturas deficientes. Os problemas mais frequentes envolvem a parte física das escolas como espaço inadequado

para as atividades escolares, ambientes desagradáveis com pouca ventilação e iluminação, sujos e sem conservação. Os móveis e materiais de ensino-aprendizagem são insuficientes, quebrados, velhos e desatualizados.

Faltam recursos humanos em quantidade, qualidade e nível de especialização para suprir as necessidades escolares. Não há um sistema para atendimento de alunos com necessidades especiais. Não se tem para onde encaminhar alunos que têm problemas psicológicos, de visão, auditivos e outras deficiências que influenciam no processo de ensino-aprendizagem, já que não há especialistas nas escolas e no sistema público de saúde não há o suficiente para toda a população.

A própria escola não é integrada, há o mundo da secretaria, dos professores, dos alunos, dos outros servidores da educação. Essa insularidade não contribui para a prestação de um serviço público que seja voltado para quem paga os impostos e deve ser servido. Muitas vezes, pais que moram distantes ou trabalham o dia todo não são atendidos por ser horário de almoço. Enquanto isso não muda, os despossuídos e excluídos são os mais prejudicados. Outras vezes o que prevalece é o corporativismo que da mesma forma mancha o serviço público.

O sistema não propicia aos trabalhadores da educação a satisfação em cumprir o trabalho com liberdade e eficiência. Há um excesso de greves relacionadas às condições de trabalho e salário e faltas devido ao nível de estresse dos envolvidos no processo educacional, o que prejudica o bom andamento das atividades escolares.

Em geral, as escolas estão separadas do entorno por muros, cercas e grades. Não há uma integração da comunidade escolar com a comunidade. Esse tipo de escola está falido. Favorece a violência que se origina de fora, mas que desencadeia na instituição educacional, tornando-a refém e se manifesta por meio da penetração das gangues, do tráfico de drogas, dos diversos preconceitos, intolerâncias, xingamentos, brigas, violência verbal, moral e o bullying na comunidade escolar tornando-a reflexo do meio que a cerca.

8 – REPRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS.

Historicamente, o país foi formado a partir da exploração de índios e negros. O trabalho sempre foi destinado para classes consideradas inferiores pelas camadas dominantes.

Com o fim da escravidão, índios, negros, minorias e pobres não tiveram igualdade de acesso a terra e à educação. Privados do exercício da cidadania, desassistidos pelas instituições públicas e desamparados pelo Estado, foram excluídos da habitação, da

alimentação, da saúde, do lazer, da cultura e da vida social, restando-lhes as periferias das grandes cidades com pouco acesso à escola e demais serviços públicos.

Tornaram-se invisíveis, marginalizados e foram violentados nos seus direitos. Essa exclusão de determinados grupos sociais permanece, apesar de atenuadas pelas recentes políticas sociais afirmativas implantadas pelos governos petistas.

A escola é a extensão da sociedade. Se a sociedade apresenta-se violenta, logo a escola refletirá tal aspecto. A máxima "O homem é produto do meio" aplica-se perfeitamente nessa realidade. Temos nas redondezas das escolas famílias excluídas e muito carentes que convivem com a violência doméstica de todos os tipos possíveis, vícios relacionados ao álcool ou drogas, tráfico de drogas, furtos, roubos, assassinatos e violência no geral. Logo, o que esperar que aconteça nas escolas sem a intermediação dos representantes do Estado? Violência.

9 - FAMÍLIAS POBRES HISTORICAMENTE NÃO TIVERAM ACESSO À EDUCAÇÃO

Historicamente a maior parte da população não teve o acesso à educação. Entre esses os mais prejudicados foram os índios, negros e mulheres, principalmente aqueles que vivem no campo. A nossa sociedade patriarcal, machista e racista negou-lhes o direito ou dificultou-lhes o acesso. Garantir a educação significava liberdade ou mais gastos e isso não interessava a elite. Até mesmo a existência do racismo foi negada, criando o mito de que no Brasil existia uma democracia racial.

Somente com o fortalecimento dos movimentos sociais organizados, após a Ditadura Militar que culminou com promulgação da Constituição Federal de 1988, a educação passou a ser vista como um direito de todos, sem distinção e como dever do Estado, que deve ofertá-la gratuitamente.

Apesar disso, o estrago já estava feito, as constituições brasileiras sempre foram muito tímidas na garantia dos direitos, entre eles a educação às populações mais pobres e vulneráveis. Esses grupos sociais não tiveram acesso a creches, tiveram pouco estudo, ou sequer pisaram numa escola. Como educar os filhos? Aliado a isso, soma-se o problema da distribuição da riqueza que também é extremamente desigual. As consequências desses fatores foram as disparidades sociais existentes no país.

Sem condições econômicas, os mais pobres (preponderantemente, negros) ocuparam desordenadamente a periferia das grandes cidades e o Estado não ofereceu adequadamente a infraestrutura necessária. Nesses assentamentos órfãos do Estado, permeados pela fragilidade

familiar, pela pouca formação escolar e pelas reduzidas condições materiais, surgiram as bases do crime organizado que cooptam os adolescentes para o mundo do crime e das drogas que veem nesse ambiente violento a oportunidade para a ascensão social tão pregada pelo modo de produção predominante. A escola inserida nesse ambiente não favorece a mudança de tal realidade, pois com o neoliberalismo tornou-se submissa ao fator mercado, deixando de lado uma educação mais abrangente e humanitária.

Atualmente o governo Brasileiro vem fazendo um esforço, inclusive através da aprovação do PNE para garantir a universalização da educação básica, com equidade, garantindo que toda a população tenha acesso garantido, entretanto, isso não basta! São necessárias políticas públicas que olhem para a vulnerabilidade em que se encontram os grupos fragilizados e desenvolvam ações com o intuito de combater esse histórico de desigualdade, ampliando as políticas de afirmação e combatendo a discriminação social, o racismo e gerando mais oportunidades aos socialmente excluídos.

10 - BAIXA RENDA DAS FAMÍLIAS DOS ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS

Há diversos problemas que influenciam na condição fragilizada do adolescente, ligados a fatores culturais, socioeconômicos, oriundos do sistema capitalista de produção ou a omissão do Estado que é reprodutor desse sistema. A ausência de estrutura familiar, a detenção, morte de pais ou avós cuidadores, divórcio, novos casamentos dos pais, doenças na família, violência física, psicológica, sexual, uso de drogas, gravidez precoce, desemprego dos pais, abandono da escola para trabalhar, ausência de moradia, mudanças constantes, assaltos, convívio com mortes violentas, separação forçada, abandono, falta de autoestima e supervisão familiar. Por falta de vagas nas creches, os pais precisam deixar seus filhos em casa, para poderem trabalhar. Muitas crianças em idade escolar precisam cuidar dos irmãos menores e deixam a escola em segundo plano para assumir funções de adulto como limpar a casa, lavar, passar, cozinhar, cuidar dos irmãos menores.

Cansados, sem ânimo para estudar e sem tempo, veem a instituição de ensino distante, rodeada por muros, apartada de sua realidade cotidiana, com conteúdos sem significado prático, trabalhados de forma fragmentada, carregados de ideologias alienantes, opostas aos seus interesses, que reforçam as diferenças entre as classes sociais e privilegiam os jovens que tem uma cultura identificada com os currículos das escolas. São vítimas da pobreza e do descaso do governo e da escola que não cumprem sua função social.

Os jovens em situação de pobreza severa são excluídos do mercado de consumo (a maioria negros), apesar de serem seduzidos continuamente a isso pelos mais variados meios de comunicação através de novelas, filmes, programas de auditório e propagandas com forte apelo até mesmo sexual. Esses seres humanos submetidos à violência de outros seres humanos ou a adversidades da vida estão propensos a adquirir transtornos de conduta na adolescência.

11 - FAMÍLIAS POBRES MORAM EM BAIRROS SEM EQUIPAMENTOS PÚBLICOS DE LAZER E CULTURA

O Estado de São Paulo é considerado o mais rico da nação, porém temos que perguntar para quem? E para que? Nos últimos doze anos o Brasil buscou romper com a centralidade da política neoliberal imposta por governos de Collor e FHC, impulsionando outra visão de desenvolvimento para o país com investimentos em várias áreas, principalmente na habitação e transporte. O Estado de São Paulo não seguiu o mesmo padrão e continua promovendo a política neoliberal, com abandono das políticas públicas para a população de baixa renda. Mesmo os investimentos nacionais são capitalizados pelas grandes empresas construtoras que impõem a visão de cidade em que impera a especulação imobiliária, a grande responsável por bairros periféricos totalmente desprovidos de equipamentos públicos, em que predomina a lógica capitalista de circulação de mercadorias e facilidades para a reprodução do capital. Os interesses privados prevalecem em detrimento dos interesses públicos, gerando segregação da população de baixa renda. A cidade é marcada pela lógica excludente, em que a maioria da população pobre e principalmente a população negra e jovem está desprovida do mínimo necessário para exercício da sua cidadania.

Segundo o mapa da desigualdade organizado pela rede Nossa São Paulo, “a distribuição irregular de equipamentos públicos para a população é um dos principais fatores produtores de desigualdade na cidade de São Paulo”.

Neste sentido a população adolescente e jovem se vê muito afetada. A pesquisa Mapa da Desigualdade da Cidade de São Paulo revelou que os paulistanos carecem de bibliotecas públicas nas regiões onde vivem; do total de 96 distritos na cidade, 36 não possuem bibliotecas públicas e o problema se acirra porque há uma concentração destes equipamentos nas áreas centrais e que permanecem fechados nos finais de semana. O acervo de livros infanto-juvenis é inexistente em 37 distritos.

Outro equipamento fundamental para os jovens são os equipamentos culturais, totalmente escassos nos bairros mais pobres e afastados. A pesquisa revela que o distrito da Sé, região central de São Paulo, tem 3,62 casas de cultura para cada dez mil habitantes, enquanto o índice geral do município é de apenas 0,08 por dez mil habitantes e há pelo menos 60 distritos na cidade que não possuem um único equipamento cultural.

Outro problema enfrentado são os interesses privados e de grupos políticos na gestão dos equipamentos públicos de lazer, como quadras esportivas, que cerceiam a participação das pessoas mais pobres. Estes equipamentos precisam ser geridos a partir do interesse público e universal, de preferência com a participação popular que assegure usufruto de todas e todos.

Outro elemento que a população precisa conhecer e se apropriar é o plano diretor estratégico de São Paulo, que propõe uma nova organização da cidade com a descentralização do comércio, serviços e equipamentos públicos para gerar uma cidade mais democrática.

12 - ESCASSAS OPORTUNIDADES AOS ADOLESCENTES POBRES

As meninas e meninos da periferia têm poucas ou escassas oportunidades de participação e de se envolver em atividades extras escolares de cultura, lazer e esporte, devido as políticas públicas ainda serem muito deficientes para gerar oportunidades e atividades, principalmente para a população adolescente mais pobre. No geral, principalmente os meninos abandonam a escola em busca de empregos geralmente precarizados. As meninas se mantêm mais tempo na escola, porém são também muitas vezes responsáveis pelo trabalho doméstico e de cuidados na família para que a mãe possa sair para trabalhar.

13 - OCIOSIDADE DOS ADOLESCENTES POBRES

As escolas públicas da periferia não funcionam em período integral e as políticas públicas de esporte e cultura são escassas. A pesquisa nacional de saúde escolar (pense2009) do IBGE, realizada nas capitais, revelou que apenas 43,1% dos entrevistados realizavam trezentos minutos ou mais de atividades físicas e esporte, tempo mínimo recomendado para este grupo. Aliado a isso, alunos da periferia têm poucas condições financeiras, não podendo ter os produtos que os outros adolescentes de melhores condições financeiras têm, como computadores, tablets e smartphones que poderia lhes propiciar lazer e cultura.

Há pouco incentivo à leitura e estudo fora da escola. O jovem não tem acesso a espaços de lazer e cultura como cinemas, teatro e música, fazendo com que meninos e meninas tenham tempo ocioso demais, que muitas vezes é usado de forma não produtiva. Como muitos gestores não abrem as escolas nos fins de semana para uso comunitário, os mesmos envolvem-se em grupos marginais ou no uso de drogas lícitas e ilícitas, o que contribui para os comportamentos violentos.

14 - AUSÊNCIA DOS PAIS NA VIDA DOS FILHOS

A vida de mulheres e homens não é fácil em nossa sociedade e principalmente em grandes cidades como São Paulo. Hoje, a maioria de homens e mulheres tem que se dedicar muitas horas ao trabalho remunerado para dar conta de manter as famílias.

A ausência de políticas públicas como creche, cuidados com idosos e enfermos sobrecarregam as famílias, além disto, o trabalho doméstico e de cuidados faz com que as jornadas de trabalho sejam extensivas, sobretudo para as mulheres.

Segundo a PNAD 2012, as mulheres têm uma jornada de trabalho doméstico de 20,8 horas e homens 10 horas. Esta jornada se soma à jornada de trabalho remunerado. Além disto, a situação caótica do trânsito e do transporte em São Paulo faz com que uma moradora de periferia demore em média duas horas, pelo menos, no trajeto de casa ao trabalho em um dia normal.

Neste contexto, falta tempo para que as famílias se dediquem aos filhos de maneira a contribuir com sua vida escolar. Devemos também considerar que nem sempre a presença física gera a segurança e confiança que a criança e adolescente necessitam para o seu desenvolvimento. Há muitas mães e pais que mesmo ausentes transmitem esta segurança ao filho e filha. Considera-se que também a vida fútil, individualista e consumista desta sociedade neoliberal, está impregnada nas famílias que às vezes acreditam que é melhor ir a um shopping comprar que dedicar alguns momentos de leitura e brincadeira com a criança, ou comprar-lhe jogos para que esteja o tempo todo voltado para a TV, assim ninguém incomoda ninguém.

A ausência familiar, ou seja, a falta do diálogo e a assessoria constante à criança e ao adolescente os levam a agir muitas vezes de forma a não aceitarem limites, gerando na escola conflitos que podem se expressar em forma de violência.

Outro aspecto importante em relação às famílias na periferia de São Paulo é a crescente responsabilidade que as mulheres vêm assumindo em relação às suas famílias. No

extremo da cidade, como Parelheiros e Cidade Tiradentes em que também a maioria da população é negra, segundo a pesquisa do IBGE 2010 na Subprefeitura de Cidade Tiradentes 44,1% e Parelheiros 46,7% dos domicílios são de responsabilidade da mulher. Em geral nestes domicílios onde as mulheres são responsáveis sozinhas, com ausência de paternidade, faz com que elas sejam obrigadas a cuidar e zelar pela vida escolar dos seus filhos.

15 – DIFICULDADE FAMILIAR PARA COLOCAR LIMITES

Com a vida sobrecarregada de trabalho e pouco tempo para se dedicar à educação dos filhos, pais e mães negligenciam a educação das crianças desde a tenra idade, ou agem com muita permissividade ou com violência e castigos desnecessários que não contribuem para um desenvolvimento sadio da criança e quando chega à adolescência, a família não tem controle sobre os atos dos filhos.

A autoridade deveria ser trabalhada sem violência ou autoritarismo e com diálogo permanente, para que desde cedo a criança aprendesse valores de liberdade, responsabilidade, o certo ou errado e os limites que cada um tem que ter para respeitar os demais e preservar o convívio coletivo livre de violência.

16 - ALICIAMENTO POR GRUPOS MARGINAIS

A pesquisa do MEC sobre o que pensam os jovens de baixa renda sobre a escola realizada em 2013 é bem reveladora de como a escola não é atrativa para a juventude pobre. Meninos e meninas do ensino médio dizem não ver utilidade e não gostar da maioria dos conteúdos ensinados na escola. Além disto, acham que as escolas são desorganizadas, sem estrutura, além dos problemas com a falta de professores.

Por outro lado, valorizam muito a entrada precoce ao trabalho e esperam mais da escola no sentido de terem melhores empregos. No entanto, mesmo no último período em que o Brasil teve os menores índices de desemprego, a juventude e as mulheres ainda são os grupos que mais sofrem com empregos precários e baixos salários. Segundo o MEC, na última década o número de alunos no ensino médio decresceu de 8,7 milhões para 8,3 milhões.

Com uma escola que não responde aos anseios do adolescente, aliada à vulnerabilidade das famílias e à falta de políticas públicas de lazer, cultura e apoio para a juventude, todos estes elementos convergem para que os jovens estejam mais fragilizados e

tornem-se presas fáceis para o aliciamento pelo tráfico de drogas. No caso das meninas são também aliciadas para a prostituição.

O tráfico de drogas nas periferias mais pobres é também resultado da ausência do Estado, que acaba sendo substituído por um pseudopoder paralelo que desperta admiração da comunidade. A rápida ascensão a condições melhores de vida através do tráfico e possibilidade de consumo de bens considerados fundamentais para essa faixa etária, acaba por fortalecer estes grupos na comunidade.

A possibilidade de ganhar em poucos dias no tráfico o que ganhariam de salário em um mês de trabalho em um emprego, acaba sendo um enorme chamariz para o jovem que está ávido para melhorar de vida e se sentir incluído na sociedade de consumo, em particular para a juventude negra, que já sofre a exclusão social pelo racismo. A própria escola pode ser hoje o lugar de trabalho tanto para o aliciamento como o lugar de venda da droga, o que a coloca como um lugar de insegurança.

17 - CRISE ÉTICA E DE VALORES.

O sistema capitalista neoliberal aprofundou as desigualdades sociais e fez emergir e acirrar o individualismo e a competitividade. O consumo tornou-se elemento primordial para o ser humano ser valorizado e se sentir incluído na sociedade. Além disto, há uma crise familiar. Os pais perderam o controle sobre seus filhos ou não dão exemplos, afetividade ou amor, já que trabalham muito e ganham pouco, sendo levados pelos percalços da vida, agem com violência.

Há uma crise moral e ética, onde até as igrejas, religiosos, políticos e outras instituições propagam a intolerância e incitam a violência contra homossexuais e afins, grupos políticos, mulheres e outros grupos. Essa crise também se expressa na corrupção espalhada em todos os âmbitos da sociedade, presente em pequenos atos diários da população e com os piores exemplos vindos justamente das classes abastadas e dos políticos. Tudo isso cria um caldo de cultura que banaliza os modos simples de vida, a solidariedade entre as pessoas, a vida e os valores humanitários.

Influenciados por estes valores e imersos na exclusão social, os jovens ficam mais propensos a agir na base do vale tudo. A escola tem tido pouca capacidade de intervir para a mudança desses comportamentos.

18 - VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR

Violência intrafamiliar é a violência sofrida e vivida por crianças e adolescente no âmbito da casa ou perpetrada em espaços públicos por familiares ou responsáveis pela criança e adolescente. Também existe a violência sexista ou violência doméstica que sofrem as mulheres no âmbito das relações afetivas que trazem medo e insegurança para as crianças e adolescentes e tem repercussão na sua autoestima, na sua forma de ver e atuar no mundo.

Na nossa sociedade, crianças e adolescentes são vistas como pessoas desprovidas de poder e totalmente subordinadas aos adultos. Nesse sentido educar ou corrigir com castigos humilhantes e agressões físicas era uma prática naturalizada em nosso país, que passou a ser condenada e ter visibilidade com a lei 8069/90 que criou o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Em 2014, a chamada Lei da Palmada sancionada pela Presidenta Dilma, suscitou muitos debates e polêmicas em torno da atuação dos pais e familiares na maneira educar os filhos através de castigos físicos. Essa discussão demonstra o quanto está enraizada na cultura brasileira a violência como forma de correção ou educação.

Ao analisar os comportamentos violentos de adolescentes na escola deve-se olhar para um universo muito maior de elementos que podem ter contribuído para o desenvolvimento daquele comportamento violento. Adolescentes ao mesmo tempo em que são vítimas, são também agentes de reprodução da violência na escola e na comunidade.

A escola não consegue ter uma visão extramuros que contribua para as mudanças culturais e de valores necessárias para enfrentar a violência e a trata como problema individual ou somente da família.

A escola precisa se ver neste papel de protagonista na luta contra a violência e inclusive se mostrar como um espaço primordial e atrativo para os adolescentes e não um lugar de estar por obrigação, onde o adolescente não percebe benefícios para sua vida.

19 - A VIOLÊNCIA EM LUTAS, FILMES, JOGOS E MEIOS DE COMUNICAÇÃO.

A violência é um mecanismo de controle da sociedade capitalista. Desde cedo crianças e adolescentes aprendem a conviver com a violência através das brincadeiras e jogos. A violência é um produto rentável em nossa sociedade, haja vista que os jogos (vídeo games) e filmes mais violentos são os mais procurados.

A violência também é um elemento que alavanca a audiência nos meios de comunicação de massa; não é à toa que temos numerosos programas, novelas e filmes que

banalizam e tratam a violência e a sexualidade (que durante muito tempo foi reprimida) como se fosse um verdadeiro espetáculo.

Mesmo o esporte não está ausente do componente da violência; as lutas travestidas de esporte e competição são uma das formas de difusão da violência em nossa sociedade.

A cultura da violência se sustenta, também, pela coerção e pela cumplicidade ativa ou passiva de muitos. Existe acobertamento entre os alunos que sabem quem vende armas, quem entra armado, como fazer para entrar armado ou vender drogas e cometer ilícitos no ambiente escolar sem ser pego. Vigora a lei do silêncio pela qual se calam sobre tais acontecimentos ou por medo ou por conveniência.

20 - COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS PASSAM A SER ADMITIDOS COMO NATURAIS.

Durante a infância e adolescência, crianças e jovens recebem mensagens de violência desde brincadeiras, jogos e na própria convivência familiar em que a família é construída, a partir de hierarquias e relações de poder entre homens e mulheres. Estas relações se expressam muitas vezes a partir da violência contra a mulher e também contra a criança e adolescente.

A escola não está apartada das relações sociais e políticas que ocorrem na comunidade circundante que são geradas pelas condições sociais de exclusão e o estudante como necessidade de autoafirmação, de ser aceito por um grupo, disputas por espaço, por namorados ou amigos, acaba se envolvendo com o tráfico de drogas e a violência relacionada a ele.

A instituição escolar em geral, ainda é muito hierárquica, com pouco exercício das relações democráticas entre corpo docente e discente. O estudante é excluído da participação em muitas decisões que lhe diz respeito, o que gera conflitos.

O comportamento violento e agressivo é sempre justificado como inerente aos jovens e à população periférica e na maioria das vezes, descendentes de negros ou pobres, sendo os mais vitimados pela violência também policial. Estando em contato frequente com gangues e a morte, não se preocupam com os parâmetros impostos pela sociedade e passam a admitir os comportamentos agressivos como algo natural na luta pela “sobrevivência”, resistindo ao cumprimento de normas ou à autoridade instituída.

Frente à cultura capitalista de consumo e sua massificação através dos meios de comunicação, há uma exaltação do "ter" em detrimento do "ser", levando à perda de valores e à banalização da vida.

2.1 - Identificação dos nós estratégicos

- **NE1 - Gestores despreparados.**
- **NE2 - Escassas oportunidades aos adolescentes pobres.**
- **NE3 - Comportamentos agressivos passam a ser admitidos como naturais.**

2.2 - Análise dos Nós Estratégicos

2.2.1 NE1 - Gestores despreparados

Após a queda do muro de Berlin, o neoliberalismo avançou sobre a maioria dos países da América Latina e em especial no Brasil. A visão gerencialista tomou conta das universidades e os cursos de gestão pública praticamente foram extintos. Escolas de formação do serviço público foram praticamente abandonadas. Os universitários optavam por outras formações que lhes trariam uma vida mais confortável.

A preparação de gestores públicos deixou de ser a prioridade dos governantes. Isso se refletiu na educação com gestores despreparados ou que ali estavam por serem indicados para garantir a imposição das premissas liberais nas escolas.

Desinteressados pelos problemas reais do cotidiano escolar, desconhecedores da prática pedagógica, desmotivados pela falta de autonomia ou baixos salários que permearam o serviço público, contribuíram para o fracasso educacional.

Os valores capitalistas como a concorrência, o individualismo, meritocracia e o emprego do gerencialismo estão presentes no ambiente escolar. Na maioria das escolas, não há a gestão democrática, de fato, mesmo existindo leis que garantem sua existência.

Os gestores, na sua maioria, são autoritários, não favorecem a participação, a discussão e a colaboração. Os professores e alunos não têm o direito de definir os seus destinos dentro do ambiente escolar. A comunidade não se sente participante do processo político-pedagógico. Esse gestor despreparado esquece que o modelo do mundo exterior é

reproduzido nas escolas e ainda assim, cerceia a presença da comunidade e família no ambiente educacional.

As reuniões de coordenação com professores ou com alunos são apenas para transmissão de comunicados que vêm direcionados e pautados. Há pouca participação dos atores nas tomadas de decisão, favorecendo o descompromisso geral, e com isso o projeto pedagógico das escolas não seja efetivamente implantado, prejudicando o fazer pedagógico.

Todos esses fatores, somados aos baixos salários dos trabalhadores desestimulam a atividade docente eficaz, favorecendo a violência nas escolas, pois profissionais desolados e insatisfeitos, sentindo-se violentados pelas situações cotidianas, não contribuem para um ambiente prazeroso e atuante.

Muitas dessas situações dependem de fatores externos, cujas intervenções podem estar além da competência e capacidade das entidades de ensino e de seus funcionários, mas preparar gestores de melhor qualidade que desenvolvam estratégias envolvendo a comunidade escolar, considerando sempre as suas características sociais, econômicas e culturais, está dentro da governabilidade do gestor municipal, podendo alterar as relações desiguais dentro do ambiente escolar, com baixo risco político e com alto impacto na resolução do problema em questão.

2.2.2 NE2 - Escassas oportunidades aos adolescentes pobres

O Brasil avançou muito nos últimos anos, apesar disto, a desigualdade, o racismo, o preconceito, a intolerância e a exclusão social, continuam sendo fatores muito preocupantes no país, que afeta principalmente a população mais jovem.

Entre esses fatores, a exclusão social é a mais grave, conforme Abramovay, pois “marginalizando-o do contato social, nega-se, formal ou informalmente, seus direitos de cidadania, como a igualdade perante a lei e as instituições públicas, a proteção do Estado e seu acesso às oportunidades diversas, quais sejam, de estudo, profissionalização, trabalho, cultura, lazer, entre outros bens e serviços do acervo de uma civilização”.

Diante do exposto, é necessário construir uma cultura de não violência, deve-se trabalhar as discriminações, intolerâncias e exclusões na escola de maneira muito ampla, observando no fazer diário fenômenos como a globalização e a exclusão social, os quais exigem análises que não se restrinjam às transgressões praticadas por jovens estudantes ou às violências das relações sociais entre eles.

Sem percepção da realidade e na falta de oportunidades para as crianças e os adolescentes, estes se tornam presas fáceis para gangues, tráfico de drogas e vão parar nas “casas abrigo”, centros de internação ou ruas, verdadeiras escolas do crime.

Não é à toa que o adolescente tem como principal causa de morte o homicídio, principalmente envolvendo jovens negros.

Para as meninas mais pobres, a gravidez na adolescência tem sido o principal motivo de abandono da escola e, portanto, falta de oportunidades, reproduzindo perpetuando o ciclo de pobreza destas meninas.

Assim, com a finalidade de contribuir para a construção de uma cultura contra a violência, faz sentido trabalhar pedagogicamente em relação às discriminações, intolerâncias e exclusões no espaço escolar, sob perspectivas que expressem fenômenos como a globalização e a exclusão social, os quais requerem análises que não se restrinjam às transgressões praticadas por jovens estudantes ou às violências nas relações sociais entre eles.

A fase da adolescência é a mais rica para o aprendizado, etapa essa em que a pessoa está descobrindo o corpo, a vida, o mundo. Portanto, faz toda a diferença se a adolescência é tratada como um período de potencialidade, de fortalecer a autoestima e de se trabalhar o ser humano em sua integralidade para que elas e eles sejam capazes de construir autonomia sobre sua vida para viver um presente digno, com segurança e desenhar um futuro promissor.

2.2.3 NE3 - Comportamentos agressivos passam a ser admitidos como naturais.

O Brasil, infelizmente, tem se destacado como um país muito violento pelo genocídio da juventude negra e a violência contra a mulher que, segundo pesquisa da Fundação Perseu Abramo “Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Públicos e Privados”, estima-se que a cada dois minutos cinco mulheres são espancadas no Brasil. Estes são indicadores de uma sociedade em que a violência é parte do cotidiano de milhares de pessoas.

A violência contra a criança, adolescente e a mulher é perpetuada principalmente no ambiente doméstico, demonstrando que a criança e o adolescente desde cedo são educados e convivem em um espaço de violência que acaba sendo compreendido como se fosse algo banal, do cotidiano e se expressa pela violência verbal, física, sexual e psicológica.

No entanto, há outras formas não explícitas e que reproduzem a violência, o uso de brinquedos como metralhadoras, revólveres e outros que desenvolvem o gosto por armas, mas também a forma de resolver conflitos para além do diálogo. O brinquedo mais usual pelos adolescentes é o vídeo game, com jogos absolutamente violentos e sanguinários. Outro

elemento no caso dos meninos é que a nossa sociedade machista considera a violência como um atributo inerente à construção da masculinidade, então, desde pequenos, os meninos vão aprendendo e recebendo mensagens que os faz tratar a violência como se fosse algo natural, próprio do ser humano.

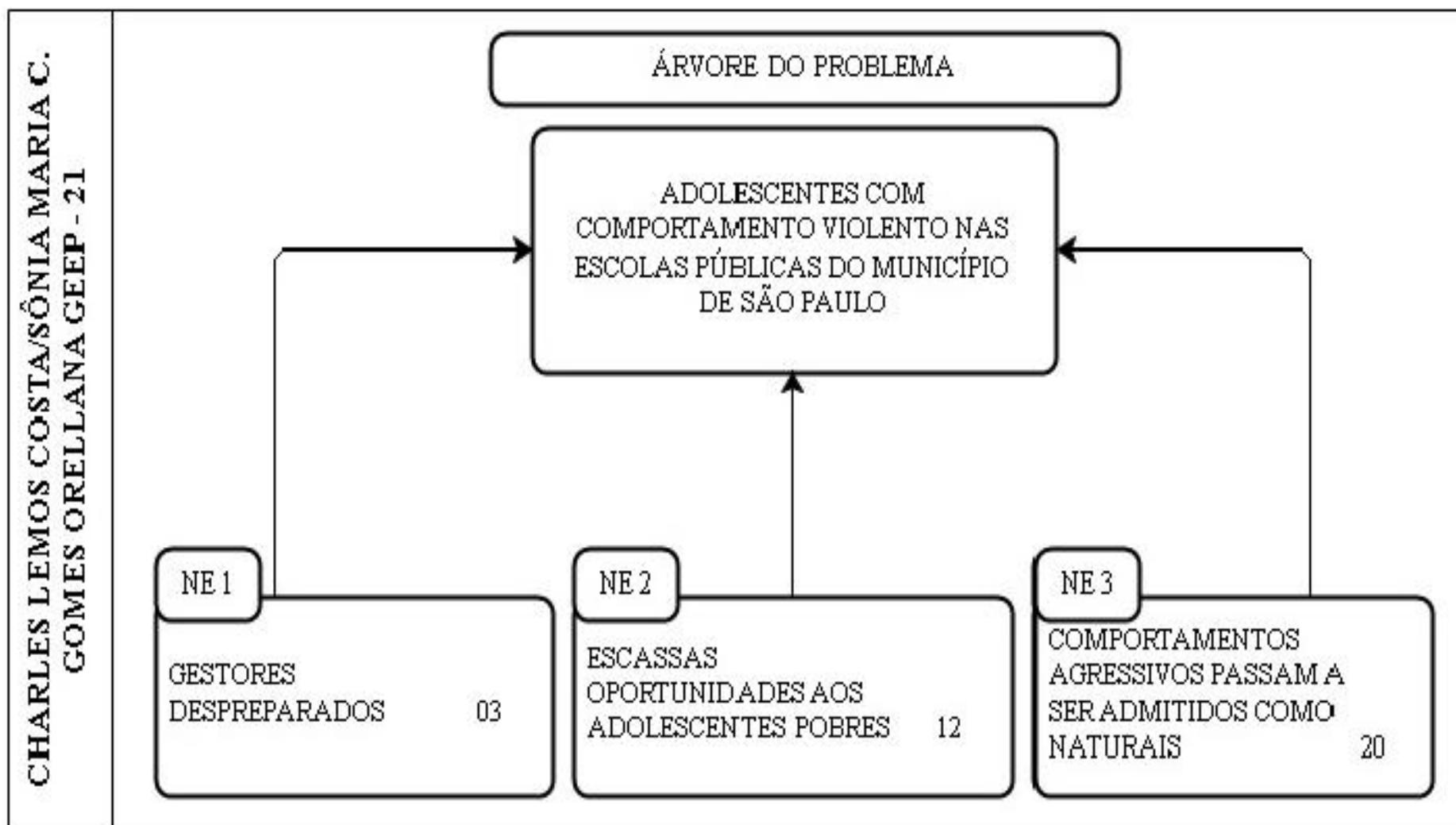
Não bastasse este arsenal de brincadeiras que socializa para a violência, os meios de comunicação são outro instrumento que amplia a reprodução da violência e mais do que isto trata a violência como um espetáculo, incentiva o consumo exacerbado e tem na juventude a principal receptora.

Todo este ambiente de mensagens de violência recebidas o tempo todo, são indutores de comportamento violento para a adolescência.

É preciso considerar que as próprias escolas, principalmente nas periferias, estão também imersas em bairros violentos deixando de ser um lugar seguro para ser mais um lugar de reprodução da violência. Os problemas do bairro ou de fora da escola são levados para dentro da escola.

Todos estes elementos são parte do arsenal de dominação do sistema capitalista, patriarcal e racista que tem na violência um mecanismo poderoso para manter a subordinação e o controle sobre a classe trabalhadora.

3 ÁRVORE DO PROBLEMA



PAINEL 1

Nó Estratégico	Ações	Resultado das ações
NE1-Gestores despreparados	1.1- Oferecer cursos de formação continuada nas mais diversas áreas; 1.2- Dar autonomia para os gestores tomarem decisões no âmbito da escola; 1.3- Investir na remuneração dos gestores.	1.1- Gestores com ideias inovadoras, criativas, mais humanizados e preparados para enfrentar os desafios da sociedade tecnológica e de consumo; 1.2- Gestores que não se sintam impotentes diante das situações cotidianas; 1.3- Gestores com autoestima elevada e com maior expectativa em relação à carreira.
NE2- Escassas oportunidades aos adolescentes pobres	2.1- Propiciar de forma efetiva a participação dos alunos na elaboração do Projeto Político Pedagógico das Escolas – PPP; 2.2- Oferecer projetos e atividades culturais e esportivos dentro e fora da escola que envolvam a música, a dança, as artes plásticas, o teatro e saídas a cinemas, a museus, a órgãos públicos, pontos turísticos da cidade, pesquisas de campo, excursões e passeios diversos;	2.1- Adolescentes com autoestima elevada, se sentindo pertencentes e atuantes diminuindo o espaço para reações violentas; 2.2- Adolescentes socializados, ajustados, coletivizados, conscientes

	<p>2.3- Convênios e parcerias com empresas, órgãos públicos, universidades, ONGs, que ofereçam cursos de formação, estágios, oficinas, palestras e seminários.</p>	<p>e se sentindo pertencentes à comunidade escolar refletindo na diminuição dos conflitos;</p> <p>2.3- Jovens preparados para o mercado de trabalho e com maiores expectativas em relação ao futuro.</p>
<p>NE3- Comportamentos agressivos passam a ser admitidos como naturais.</p>	<p>3.1- Envolver os profissionais de apoio psicopedagógico (psicólogos, orientadores e assistentes sociais) no planejamento das escolas e na sua execução;</p> <p>3.2- Levar a comunidade para dentro da escola e a escola para a comunidade, facilitando encaminhamento de alunos para o sistema de saúde, levando órgãos de justiça, segurança à escola, pais para participar ativamente da escola e alunos para conhecer e atuar na comunidade através de pesquisas e atuando na comunidade;</p> <p>3.3- Oferecer cursos de formação e orientação educacional para os pais enfatizando a formação de valores e a importância da família para a escola.</p>	<p>3.1- Atendimento aos adolescentes e familiares com objetivo de sanar suas carências e resolver conflitos;</p> <p>3.2- Integração escola-comunidade, diminuindo a distância entre elas e sanando problemas e conflitos;</p> <p>3.3 - Diminuir as carências das famílias em relação à educação dos filhos e reduzir os conflitos.</p>

4 PLANO DE AÇÃO

PAINEL 2.1

NE 1 – Gestores despreparados.

Ação	Tarefas	Recursos Necessários	Prazos (meses)	Responsável
1.1- Oferecer cursos de formação continuada nas mais diversas áreas.	1.1.1 - Oferecer cursos de formação continuada nas mais diversas áreas para 2342 diretores e assistentes de diretor.	R\$2.342.000,00	24 meses	- Escola Municipal de Administração Pública de São Paulo – SMG.
1.2- Investir na remuneração dos gestores escolares.	1.2.1-Melhorar a remuneração de 1416 diretores e 996 assistentes de diretor em 25%.	R\$25.158.345,05	60 meses	- Secretaria Municipal de Finanças e Desenvolvimento Econômico.

PAINEL 2.2

NE 2 – Escassas oportunidades aos adolescentes pobres.

Ação	Tarefas	Recursos Necessários	Prazos	Responsável
2.1- Propiciar de forma efetiva a participação dos alunos na elaboração do Projeto Político das Escolas – PPP.	2.1.1- Reunião com o segmento de pais e alunos para orientar a respeito do que é um PPP e a importância dele na escola; 2.1.2- Reunir todos os segmentos da escola para elaborar o PPP.	R\$50,00 R\$50,00	- 1 mês - 3 meses	- Diretor da Unidade de Ensino; - Diretor da Unidade de Ensino.
2.2- Oferecer projetos e atividades culturais e esportivos dentro e fora da escola que envolva a música, a dança, as artes plásticas, o teatro e saídas a cinemas, a museus, a órgãos	2.2.1- Atividade recreativa no Parque Ibirapuera 90 alunos; 2.2.2 – Promover os Jogos Interclasse.	R\$1.000,00 R\$1.000,00	-2 meses - 3 meses	- Coordenador Pedagógico; - Equipe de Direção e Professores de Educação Física.

públicos, pontos turísticos da cidade, pesquisas de campo, excursões e passeios diversos.				
---	--	--	--	--

PAINEL 2.3

NE 3 – Comportamentos agressivos passam a ser admitidos como naturais.

Ação	Tarefas	Recursos Necessários	Prazos	Responsável
3.1- Envolver os profissionais de apoio psicopedagógico (psicólogos, orientadores e assistentes sociais) no planejamento das escolas e na sua execução.	3.1.1- Reuniões com alunos que tenham problemas diversos e suas famílias;	R\$300,00	36 Meses	- Equipe de Direção e Equipe de Apoio Psicopedagógica e Social;
	3.1.2 – Elaborar folders e oferecer palestras aos pais e alunos sobre diversos temas.	R\$1.000,00	36 Meses	- Equipe Psicopedagógica e Social.
3.2- Levar a comunidade para dentro da escola e a escola para a comunidade, facilitando encaminhamento de alunos para o sistema de saúde, levando órgãos de justiça, segurança à escola, pais para participar ativamente da escola e alunos para conhecer e atuar na comunidade através de pesquisas e	3.2.1- Organizar mutirão de limpeza e pintura da escola com pais, alunos e profissionais de ensino;	R\$1.000,00	36 Meses	- Equipe de Direção e Conselho Escolar;

orientação à comunidade.	3.2.1- Organizar trabalho de campo com os alunos na comunidade escolar para intervir na melhora do meio Ambiente e qualidade de vida no território;	R\$ 600,00	36 meses	- Equipe de Direção, Conselho Escolar e Professores;
	3.2.2-Organizar assembleias com alunos e professores e comunidade para discutir princípios e valores da escola e planejar um projeto de participação.	R\$600,00	36 meses	-Equipe de direção, Conselho Escolar e Professores.

5 ANÁLISE DE ATORES

PAINEL 3.1

Ação 1.1- Oferecer cursos de formação continuada nas mais diversas áreas.

Ator	Recursos que controla	Limitações/ Vulnerabilidades	Como pode contribuir?	Como pode prejudicar?	Como atuar em relação a este Ator?
-Secretaria Municipal de Educação.	-Político, cognitivo.	-Crise econômica e escassos recursos financeiros.	-Criar condições financeiras, políticas e materiais para que a ação seja efetivada.	-Não toma a decisão final sobre a aplicação de recursos para este fim.	-Fazer articulação com Secretaria de Gestão Pública e de Finanças.
-Secretaria Municipal de Finanças e Desenvolvimento Econômico.	-Econômico.	-Crise econômica, baixa arrecadação. -Não prioriza a educação.	-Assumir como parte da qualidade da educação a formação dos Gestores.	-No momento os recursos financeiros são contidos.	-Fazer articulação junto ao prefeito para priorizar os recursos financeiros e técnicos necessários.
-Secretaria de Municipal de Gestão	-Cognitivo, recursos humanos e materiais.	-Necessita da liberação de recursos financeiros.	-Oferecendo a formação aos gestores.	-Indiferente.	-Orientar quais os cursos necessários aos gestores.

PAINEL 3.2

Ação 1.2- Investir na remuneração dos gestores escolares.

Ator	Recursos que controla	Limitações/ Vulnerabilidades	Como pode contribuir?	Como pode prejudicar?	Como atuar em relação a este Ator?
-Secretaria Municipal de Educação.	-Político e cognitivo.	-Crise econômica e poucos recursos financeiros;	-Plano de ação e remuneratório para melhorar a gestão das escolas públicas;	-Baixo.	-Pressão dos gestores com apoio do sindicato SINPEEM;
-Secretaria Municipal de Finanças e Desenvolvimento Econômico.	-Político, cognitivo e econômico.	-Econômica e baixa arrecadação; -Não prioriza a educação.	-Melhorando a remuneração dos gestores;	-Alto.	-Fazer articulação junto ao prefeito para liberar os recursos financeiros;
-SINPEEM.	-Político.	Não é governo.	-Participando da elaboração das políticas.	-Baixo.	-Negociar.

PAINEL 3.3

Ação 2.1- Propiciar de forma efetiva a participação dos estudantes na elaboração do Projeto Político Pedagógico das escolas.

Ator	Recursos que controla	Limitações/ Vulnerabilidades	Como pode contribuir?	Como pode prejudicar?	Como atuar em relação a este Ator?
Secretaria Municipal de Educação.	-Político, econômico e cognitivo.	-Desinteresse, corporativismo e a independência dos gestores.	-Fiscalizando o cumprimento da lei da Gestão Democrática esclarecendo aos alunos os seus direitos;	-Baixa.	-A comunidade escolar deve cobrar a efetividade da lei.
-Comunidade Escolar	-Político.	-Desinteresse pela participação popular.	-Denunciando nas ouvidorias;	-Baixa.	-Dar conhecimento da Lei da Gestão Democrática e empoderá-lo.
-Conselho Municipal de Educação	-Assessoramento, fiscalização da ação dos gestores.	-Baixa.	-Com dados técnicos e pedagógicos da importância da	-Baixa.	-Fazer gestão junto ao Conselho para que ele dê subsídios para a

			participação do corpo discente na elaboração do PPP.		participação e elaboração do PPP.
--	--	--	--	--	-----------------------------------

PAINEL 3.4

Ação 2.2 – Oferecer projetos e atividades culturais e esportivas dentro e fora da escola, que envolva música, dança, teatro, artes plásticas, saídas a cinemas, museus, pontos turísticos, pesquisas de campo, excursões e passeios diversos.

Ator	Recursos que controla	Limitações/ Vulnerabilidades	Como pode contribuir?	Como pode prejudicar?	Como atuar em relação a este Ator?
-Secretaria Municipal de Educação.	-Político, econômico e cognitivo.	- Recursos escassos; -Insulamento; -Burocracia;	-Apoiando os gestores e fazendo parcerias com as outras secretarias de governo.	- Baixa.	-Liberar recursos financeiros, criar grupos intersecretarias; -Elaborar projetos em parceria com os demais entes federativos, movimentos sociais e ONGs.
-Gestor da Instituição de Ensino.	-Político.	-Unidades escolares não possuem infraestrutura	-Organizando eventos, parcerias com a comunidade e	-Não valorizar estas ações como parte da	-Formação continuada e motivação;

		adequada; -Escassos recursos econômicos; -Gestor despreparado e desmotivado.	atuando junto às autoridades para conseguir recursos.	educação.	-Empoderamento do Conselho Escolar.
-Ministério da Educação.	-Político, econômico e cognitivo.	-O município precisa aderir ao projeto Federal; -Fazer o planejamento numa realidade de insulamento.	-Complementando a educação com projetos extras curriculares.	-Baixa. -Exige planejamento.	-Contatos políticos, elaborar planejamento e fazer visitas rotineiras ao ministério.

PAINEL 3.5

Ação 3.1 - Envolver os profissionais de apoio psicopedagógico, orientadores e Assistentes sociais, no planejamento das escolas e na sua execução.

Ator	Recursos que controla	Limitações/ Vulnerabilidades	Como pode contribuir?	Como pode prejudicar?	Como atuar em relação a este Ator?
-Secretaria Municipal de Educação.	-Político, econômico e cognitivo.	-Insulamento no serviço público e despreparo dos gestores.	-Propiciar planejamento que envolva os vários profissionais, construir uma visão integral de como atuar no problema e articular com demais secretarias.	-Médio; -Insulamento.	-Atuar junto a outras secretarias de forma a diminuir o insulamento; -Exigir o planejamento construído de forma participativa.
-Secretaria Municipal de Saúde.	-Político, econômico e cognitivo.	-Insulamento; -Poucos recursos humanos;	-Cedendo funcionários e participando do planejamento.	-Médio; -Insulamento.	-Articulações política junto à secretaria de forma a planejar ações conjuntas de saúde pública.

		-Muita demanda.			
-Comunidade Escolar	-Político, baixo.	-Baixo poder cognitivo, deliberativo e executivo.	-Pressionar os órgãos públicos para que adotem políticas públicas integradas.	-Baixo.	-Empoderando-a.

PAINEL 3.6

Ação 3.2 - Levar a comunidade para dentro da escola e a escola para a comunidade, facilitando o encaminhamento de alunos para o sistema de saúde, levando órgãos de justiça e de segurança à escola, pais para participar ativamente da escola e alunos para conhecer e atuar na comunidade através de pesquisas e orientação à comunidade.

Ator	Recursos que controla	Limitações/ Vulnerabilidades	Como pode contribuir?	Como pode prejudicar?	Como atuar em relação a este Ator?
-Secretaria Municipal de Educação	-Político e cognitivo.	<ul style="list-style-type: none"> - Baixo exercício da democracia e participação dentro das escolas; - Recursos humanos despreparados para este processo de dialogo; - Baixa capacidade de articulação na 	<ul style="list-style-type: none"> - Definir diretrizes e programas que envolvam a comunidade; - Construir e abrir canais de participação da população nas escolas. 	-Não assimilar os saberes e decisões da comunidade e alunos no processo escolar.	<ul style="list-style-type: none"> - Criar diretrizes para fomentar a integração escola-comunidade; - Organizar equipe multissetorial e articular as várias secretarias.

		comunidade.			
-Secretaria Estadual de Educação.	-Político, econômico e cognitivo.	- Governo que não valoriza a participação popular; - Gestores com visão tradicional da escola.	- Colocar a disposição do Município os recursos necessários à efetivação da ação; - Fazer planejamento conjunto.	-É oposição ao governo municipal.	-Fazer articulações junto ao Governo Estadual no sentido de garantir os recursos necessários e fazer um planejamento conjunto.
- Diretor de escola.	-Político e cognitivo.	-Democracia participativa incipiente. -Gestores despreparados e desmotivados; -Baixo poder de articulação com outros órgãos;	-Articular a comunidade escolar; -Fazendo um PPP de acordo com a Gestão Democrática; -Sensibilizar os órgãos de governo próximos da escola da importância das	-Médio	-Fiscalizar e capacitar os gestores; -Atuar junto à secretaria para que os gestores assimilem a nova forma de atuar com a comunidade; - Articular junto às demais secretarias e

		<p>-Escassos recursos financeiros;</p> <p>-Insulamento;</p>	<p>ações;</p> <p>- Aproveitar o material humano que tem a sua disposição no sentido da participação.</p>		<p>outras instituições no sentido de participação no projeto.</p>
--	--	---	--	--	---

6 ANÁLISE DE RISCOS E FRAGILIDADES

PAINEL 4

Perguntas orientadoras:	Análise da equipe
<p>1 – As ações propostas para equacionar os Nós Estratégicos podem gerar efeitos indesejáveis (por ex.: efeitos sociais ou ambientais)?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Contrariar interesses religiosos: a proposta enfatiza a necessidade de participação da comunidade e famílias na escola, esta participação deve ser qualificada no sentido de ampliar os conhecimentos e fazer com que a comunidade se sinta também responsável pela educação, porém deve ter princípios claros que vise à construção de sujeitos e novos valores emancipatórios que permitam a pluralidade em todos os sentidos e muitas vezes há empecilhos e ideologias impostas por igrejas conservadoras que são contra essa emancipação em sentido amplo; - Contrariar os interesses do tráfico e criminosos: sempre há o perigo de problemas externos serem levados para dentro das escolas e ocorrer conflitos como aproveitar esses momentos para o tráfico e outros;
<p>2 – Existem aspectos técnicos, jurídicos ou políticos nas ações propostas que podem resultar em efeitos negativos? Quais?</p>	<ul style="list-style-type: none"> - O secretário pode sofrer revés político, pois muitos funcionários não querem sair da zona de conforto;

	<p>- O desconhecimento dos alunos e comunidade em relação às leis relativas à Gestão Democrática e a parte pedagógica e administrativa pode atrasar as ações;</p> <p>-Decidir, por exemplo, o plano político pedagógico com alunos exige capacidade de desprendimento dos professores e diretores para que não se sintam subtraídos na sua autoridade;</p>
<p>3 - Qual o principal ponto fraco do projeto? E o que pode ser feito para prevenir ou corrigir?</p>	<p>O Insulamento</p> <p>- As ações que precisam contar com articulação multissetorial tem mais fragilidade, pois nem todas as secretarias estão dispostas a fazer o trabalho conjunto. A conscientização, articulação política, empoderar e valorizar os funcionários de forma que os mesmos participem na definição das prioridades e se sintam parte do projeto e tenham clareza do que estão fazendo ali.</p>
<p>4 - O que pode ser feito para garantir a implementação das ações propostas?</p>	<p>- Articulações políticas para buscar recursos necessários e planejamento com a participação de todos para que se sintam pertencentes e envolvam-se no projeto.</p>

<p>5 - Os recursos disponíveis são suficientes para realizar o projeto?</p>	<ul style="list-style-type: none">- Este é um aspecto que precisa de um projeto próprio com previsão de recursos que pode ser feito em parceria com o Governo Federal, mas que a morosidade e burocracia para aprovação de projetos pode ser desmotivadora;- Precisa-se da articulação política do secretário de educação junto às outras secretarias e o prefeito para obter os recursos e efetivar o projeto;- A comunidade pode participar fazendo parcerias com as escolas;
<p>6 - As propostas e projetos estão respaldados por notas técnicas e protocolos?</p>	<ul style="list-style-type: none">- A Constituição Federal, A LDB, O PNE, PME e a Gestão Democrática respaldam essas ações.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A democracia no Brasil é incipiente se observadas as definições dadas ao termo por juristas, estudiosos da democracia, do exercício do poder ou da Constituição Brasileira. Segundo os mesmos, a palavra democracia pressupõe que o Estado deve estar a serviço do povo, garantindo o acesso à informação com pluralismo de opiniões e promovendo a Justiça social, com a diminuição das desigualdades regionais, sociais e a solidariedade em torno da primazia do trabalho e não do capital.

Devido às características inerentes à formação do Estado no Brasil, como patrimonialismo, clientelismo, mandonismo, exclusão das oportunidades, o Estado ainda mantém leis, normas e regras que antidemocráticas, impedem o acesso das classes menos favorecidas aos direitos constitucionais. O direito não pode ser só a garantia à subsistência ou ao consumo, mas também à participação nas decisões governamentais.

Diante dessa situação há um distanciamento do povo em geral da prática da política, que não a vê como um meio de garantir a plena cidadania. Nosso povo ainda tem uma mentalidade de colonizado (o complexo de vira-latas), seja ele ligado à elite ou não.

As conquistas recentes em termos de direitos sociais, mesmo sendo defendidas pelo atual governo, perigam ser ignoradas ou retiradas. Os conservadores tentam manter seus privilégios e agem nos bastidores para que indivíduos pobres não possam ascender.

Estamos numa época de ausência de debates no Brasil. Grande parte dos nossos representantes políticos adere aos interesses da elite. Por outro lado, o povo em geral não resiste às manobras da camada dominante, não se organiza e alienado pensa como ela. A mídia, a voz da elite, influencia para que se forme um senso comum contra o direito das classes socialmente dominadas como trabalhadores, gays, negros, praticantes de religiões afro-brasileiras, pobres, prostitutas e outros grupos vulneráveis.

Recentemente, imigrantes haitianos sofreram com uma campanha sórdida contra a entrada deles no país. Os meios de comunicação promoveram a xenofobia e o racismo, contra pobres, é claro!

Através desses meios, valores e comportamentos são colocados em xeque. O consumismo é colocado em evidência. As novelas revelam o que tem de pior no ser humano. O que esperar dos jovens? Menores a todo o momento são mostrados cometendo atos violentos, contra o patrimônio, contra as pessoas e a vida.

Isso só reforça e naturaliza a violência, principalmente dos jovens que são mais influenciáveis pelas novas tecnologias, internalizam e acabam levando-a para sua vida cotidiana e fatalmente para as escolas, onde a praticam contra funcionários e “amigos” com xingamentos, agressões e às vezes chegando à morte de fato.

O comportamento violento de adolescentes nas escolas públicas é produto da nossa sociedade. É muito preocupante a forma como a sociedade tem se manifestado em relação à violência da juventude, tentando criminalizar e votar leis mais duras como a diminuição da maioridade penal em tramitação no Congresso Nacional. A juventude é ator, mas é muito mais vítima desta violência que precisa ser eliminada sem eliminar os jovens e adolescentes. O genocídio da juventude em especial a juventude negra é uma marca vergonhosa em nosso país que precisa ser enfrentada de forma contundente por toda a sociedade.

A escola precisa ser a protagonista na luta contra a violência juvenil, o adolescente depende mais da escola para projetar seu futuro.

Em 2013, a Presidenta Dilma sancionou o Estatuto da Juventude, que prevê acesso à educação, trabalho, cultura, direito ao território, à cidade, participação, mobilidade urbana e transversalidade de gênero e racial nas políticas para a juventude. Um avanço para a melhoria da qualidade de vida da juventude. Precisa urgentemente sair do papel e entrar para o orçamento público em forma de políticas públicas para enfrentar a vulnerabilidade em que estão submetidos, principalmente, o jovem e adolescente das periferias das grandes cidades.

A educação e os professores também precisam ser valorizados, priorizados e reconhecidos como fundamentais para a construção de políticas de enfrentamento à violência na escola.

É necessário o empenho na transformação da realidade social para produzir um mínimo de cultura política indispensável para a prática da democracia. A maioria não pode ignorar a minoria ou os direitos fundamentais

Urge acrescentar que a mídia, a elite e os políticos conservadores não agem sozinhos, apenas contribuem para reforçar os interesses neoliberais das empresas nacionais e transnacionais, que convenientemente querem manter a estrutura de exploração capitalista no Brasil, governos subservientes, mão de obra barata, além de pessoas dominadas que aceitem a submissão em prol de suas conveniências econômicas e políticas. O neoliberalismo “faz ronda por aqui”.

Diante de tais realidades, é fundamental utilizar os instrumentos metodológico-operacionais de esquerda para satisfazer os anseios da população brasileira e salvar a democracia brasileira que ainda dá “ares da puberdade”.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. ; AVANCINI, M. M. P. ; OLIVEIRA, H. . O bê-a-bá da intolerância e da discriminação. In: UNICEF. (Org.). Direitos negados: A violência contra a criança e o adolescente no Brasil. Brasília/DF: UNICEF, 2005, v. , p. 28-53.

AZEVEDO, M.A. & GUERRA, V.N.A. Violência Doméstica na Infância e na Adolescência, SP, Robe, 1995.

BATISTA, Paulo Nogueira. O Consenso de Washington. In Sobrinho, Barbosa Lima *et alii*. Em defesa do Interesse Nacional: desinformação e alienação do patrimônio público. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

BRASIL. Constituição (1988) Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal 1988. 168p.

BRASIL - Lei nº 9.394 de 20/12/96 Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação. Brasília: Diário Oficial, 1996.

DAGNINO, Renato Peixoto; A capacitação de gestores públicos: uma aproximação ao problema sob a ótica da Administração Política, 04/2013, *REBAP. Revista Brasileira de Administração Política*, Vol. 6, Fac. 1, pp.97-118, Salvador, BA, Brasil, 2013.

DAGNINO, R.; CAVALCANTI, P. A.; SCALCO, T. Planejamento governamental e democratização. *Revista Brasileira de Planejamento e Orçamento*, v. 4, p. 132-149, 2014.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. *Um Estado para a sociedade civil. Temas éticos e políticos da gestão democrática*. São Paulo: Cortez, 2004.

NOGUEIRA, Ione da Silva Cunha . Educação, cidadania e violência nas escolas: desafios dos Novos tempos.

O'DONNELL, Guillermo (1980). Anotações para uma teoria do Estado (1). *Revista de Cultura e Política*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, (3), nov.1980./jul.1981.

SADER, Emir. *A esquerda brasileira frente ao Estado*. In: HADDAD, Fernando (org.). *Desorganizando o consenso: nove entrevistas com intelectuais à esquerda*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Petrópolis: Vozes, 1998.

WAISSBLUTH, Mario. A Insularidade na Gestão Pública Latino-Americana. Título original: La insularidad em La gestión pública latino-americana. Texto publicado na *Revista Del CLAD Reforma y Democracia*. Caracas, no. 27, oct. 2003. Traduzido por Rogério Bezerra da Silva.

SITES:

<http://educacaointegral.org.br/noticias/desvendando-pne-superacao-de-desigualdades-historicas-e-alvo-plano/> (acesso, 20 de julho de 2015).

<http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/05/09/4-em-cada-10-docentes-ja-sofreram-violencia-na-escola-em-sp-diz-sindicato.htm> (acesso, 27 de junho de 2015).

<http://issuu.com/apeoesporg/docs/caderno-violencia-nas-531f7aa34ee33?e=0> (acesso, 27 de junho de 2015).

<http://jus.com.br/artigos/19437/direitos-sociais-e-controle-jurisdicional-de-politicas-publicas> (acesso 27, de junho de 2015).

<http://novo.fpabramo.org.br/content/diversidade-sexual-e-homofobia-no-brasil-intolerancia-e-respeito-diferencas-sexuais> (acesso, 27 de junho de 2015).

http://novo.fpabramo.org.br/sites/default/files/pesquisaintegra_0.pdf (acesso, 27 de junho de 2015).

<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/pensam-jovens-ensino-medio-pesquisa-estudo-alunos-750343.shtml> (acesso, 20 de julho 2015).

<http://revistaescola.abril.com.br/indisciplina-bullying-violencia-escolar/> (acesso, 27 de junho de 2015).

<http://www.apeoesp.org.br/publicacoes/observatorio-da-violencia/caderno-violencia-nas-escolas-analise-da-pesquisa/> (acesso, 27 de junho de 2015).

http://www.fpabramo.org.br/uploads/perfil_juventude_brasileira.pdf (acesso, 10 de maio).

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/pense.pdf> (acesso, 11 de maio).

<http://www.oitbrasil.org.br/node/518> (acesso, 20 de julho 2015).

<http://nacoesunidas.org> (acesso, 20 de julho 2015).

<http://www.nossasaopaulo.org.br/noticias/combater-desigualdade-e-o-maior-desafio-da-cidade> (acesso, 20 de julho 2015).

<http://www.tonorumo.org.br/2014/01/pesquisa-aponta-percepcao-de-violencia-nas-escolas-estaduais-de-sao-paulo/> (acesso, 27 de junho de 2015).

DOCUMENTÁRIOS

O Complexo de Vira-latas

https://www.youtube.com/watch?v=2_WD7dqGbzK (acesso, 27 de junho de 2015).

Protagonismo Juvenil como Empoderamento

<https://www.youtube.com/watch?v=boQwyMdNabY> (acesso, 27 de junho de 2015).

Em tese - Violência escolar

<https://www.youtube.com/watch?v=s8QXFav4Jcg> (acesso, 27 de junho de 2015).

Em tese - Violência de gênero.

<https://www.youtube.com/watch?v=D52G1JzhLRI> (acesso, 27 de junho de 2015).

Educação - Ditar ou democratizar?

<https://www.youtube.com/watch?v=NhLu-0qFuIU> (acesso, 27 de junho de 2015).

Estratégias para reverter a violência nas escolas

https://www.youtube.com/watch?v=3iJvUzO_WaM (acesso, 27 de junho de 2015).

Violência, comunidade e escola – Ética

<https://www.youtube.com/watch?v=6cOI36BNhrI> (acesso, 27 de junho de 2015).

ANEXOS

Entrevistas com professores a respeito da violência nas escolas. Junho/2015.

Professora Alessandra, sociologia – Ensino Médio.

1- Você já viu violência de alunos na escola? Como?

R: violência simbólica o tempo todo. Se fala da usualmente chamada “violência” física/verbal também. A naturalização desta tem feito com que as duas ocorram quase frequentemente. Agressões físicas (no meu primeiro ano em sala, de ímpeto, tive que separar uma briga entre alunos dentro da sala de aula. Verbais é quase que diariamente. Mesmo sob a falsa carapuça de “brincadeira”. A agressão e o desrespeito é cotidiana.

2- Qual a responsabilidade dos alunos pela violência na escola?

R: A responsabilidade destes se dá de forma indireta, a meu ver, é a “linguagem da periferia”, onde trabalho desde que comecei a lecionar. Se caracteriza por um jeito de falar intimidador, roupas típicas, ameaças verbais frequentes. É a “sobrevivência” social depende desses códigos que ele assimila se quer “respeito” e status. Também não o faz mais nem menos “inocente”. Ele tem total clareza de sua ação e reflexos desta, mas não tem consciência de que pode sobreviver com mais que isso.

3- Por que acontece a violência na escola?

R: A resposta não poderia ser simples, já que a própria violência, como um fenômeno típico dos agrupamentos, também não seria. Se pudesse chutar, diria que as escolas perderam o seu sentido real. Uma sociedade utilitarista e mecânica como a nossa, o conhecimento não tem valor real para estes alunos. Se distancia de sua realidade, virou algumas horas de prisão num espaço que muito se iguala àquela. Pensar não se justifica senão pelo bem material que pode trazer (trabalho, dinheiro, consumo), e este ele pode conseguir por outras vias (lícitas ou ilícitas). Sem sentido real, a escola não passa de um espaço obsoleto que sobrevive de ameaças (notas, advertências, repetência, etc). Os

alunos em sua maioria respondem a ela na mesma proporção. Na minha opinião, deixo bem claro, a violência nas escolas é reflexo recortado da realidade cotidiana. Confronta-se a nossa ideia romântica da educação de outrora, onde alunos eram, teoricamente, silenciosos, mansos e receptivos. Exercemos violência sobre os alunos dentro dos moldes do nosso poder, com vocabulários mais pomposos, despejando neles nossas frustrações. Eles o fazem com as “armas” que tem. (Esta é uma discussão superficial e opinativa, evidentemente).

4- Você vê responsabilidade do professor pela violência? Qual?

R: Sim. A violência assim formulada é um fenômeno generalizado e atinge a todos, nas mais variadas esferas. Somos tanto atores quanto vítimas desta. Olhamos para ela com lente de aumento em determinados espaços mais estigmatizados, como nas escolas e na periferia. Quando falamos, então, das escolas de periferia, mais ainda.

4- O que você acha que pode ser feito para reduzir a violência na escola?

R: Resignificar a educação numa sociedade como a nossa é como se secar na chuva. Nossa sociedade é máquina de produzir violência. Não podemos isolar os indivíduos que a compõe. Penso que não existem soluções milagrosas nem respostas fáceis para mudar este quadro quando é nítido o desinteresse público em melhorar a ferramenta de autonomia dos indivíduos, ainda mais aqueles em situação mais vulnerável, como os alunos com quem lidamos. Mas se fosse formular uma proposta, a nível de “ideal” diria é necessário repensar o papel da escola na nossa sociedade. Se ela existe apenas para levar ao trabalho e manter a máquina do sistema, então não há razão para existir. Ensinem a trabalhar, sem rodeios. Se existe para outro fim (e ainda se sabe e se acredita neste) é necessário reformular o ensino e a dinâmica escolar. Ainda acredito na prática do encantamento em sala. E penso que esta é a rasa chance de modificar (alunos e professores) a saírem deste espaço diferente de como entraram.

a) Pelo professor na sala de aula.

Reaprender. Diminuir seus “nostalgismos” e entender que TODAS as profissões se atualizam. Não adianta ficar esperando o aluno de 1900 cair na sua sala de aula. Entender que ele é um orientador, não um rei. Que é um comunicador, cabe a ele adequar sua linguagem e não ao aluno. Este é o seu desafio em tempos “mercadológicos”: provar o qual importante é seu conhecimento para aquele que está

diante de si. Infelizmente acredito que muitos de nós também não sabemos a que viemos...

b) Pela família.

R: Realmente sou incapaz em formular essa resposta. Dizer que a família “precisa participar” pra mim é por demais inocente. Negar a realidade de toda uma geração que precisa se sustentar, que não teve/tem apoio emocional/financeiro, que também não aprendeu para que serve o conhecimento nem obteve sucesso através desta e esperar que transfiram magicamente para seus filhos me parece insano. Assim como nas campanhas de cinto de segurança direcionadas para crianças, talvez seja mais fácil (não necessariamente mais correto) que a ordem se invertesse: que precisemos criar gerações de jovens que ensinem aos seus pais o valor do conhecimento (Não da ‘educação’. Esta palavra é traduzida para os mais velhos como disciplina, comportamento, apenas. E nós sabemos que ela é mais complexa e profunda que isto).

c) Pela escola, instituição.

Valorização do que se faz naquele espaço. Começando do “chão da escola”. A função primordial deste espaço é o saber. Todas as demais atividades são secundárias a esta. A “alma” da escola se embasa nas figuras chave “aluno-professor”. Quando se entende isso em profundidade e evidencia, criamos um espaço de prazer e acalanto para que tais atividades sejam desenvolvidas. Tanto para o aluno quanto para o professor.

d) Pelo governo.

Recorrerei ao clichê não menos relevante: valorização da educação (como ferramenta de transformação e não como fábrica de mão de obra). Valorização do magistério, da figura do professor e sua atividade como um todo.

Entrevista com o professor de artes, EM e Policial Bombeiro Werton.

1- Você já viu violência de alunos na escola? Como?

Sim. Diversas vezes, verbal e fisicamente. Alunos como maioria, mas funcionários também, como vítimas e algozes.

2- Qual a responsabilidade dos alunos pela violência na escola?

A comunidade escolar é composta, em sua maioria, por alunos. Daí ser óbvio que eles estejam envolvidos em muito maior grau nos casos de violência. A responsabilidade deles é inegável e as causas disso, são várias.

3- Por que acontece a violência na escola?

A escola é extensão da comunidade. Ou da sociedade em sentido mais amplo. Se ambas apresentam-se violentas, logo a escola refletirá tal aspecto. A máxima " O homem é produto do meio" aplica-se perfeitamente nesse contexto.

4-Você vê responsabilidade do professor pela violência?Qual?

Todos têm responsabilidade, em maior em menor proporção, afinal tratamos de um ambiente coletivo. Não é simples afirmar qual a responsabilidade do professor nesse processo. Talvez fosse mais fácil citar a "falta de responsabilidade" do mesmo no contexto. O termo "falta de responsabilidade" se daria quando falta engajamento nos projetos pedagógicos, quando ele se atém apenas ao conteúdo, quando ignora reações atípicas dos alunos, se exime de contato individual com o docente, não se relaciona com pais, não media conflitos, tem aversão a discussões políticas... Enfim, a omissão contribui para a violência.

5- O que você acha que pode ser feito para reduzir a violência na escola?

a) Pelo professor na sala de aula.

a) Interação com os alunos, além conteúdo. Orientar para aspectos de ética e cidadania. Não se furtar de discutir religião, evidentemente se tiver algum conhecimento histórico e livre de doutrinação. Abordar aspectos políticos, com os mesmos cuidados que deve ter quando tratar de religião. Orientar sobre a importância de conhecimentos básicos dos direitos civis. E ser competente na matéria que ministra.

b) Pela família.

A família tem fundamental importância. É a base da pessoa. Mas, por diversos aspectos, essa base tem falhado em demasia. E aí tem origem grande parte dos problemas sociais, a violência incluída. Muito complexo o aspecto familiar nessa conjuntura.

c) Pela escola, instituição.

A escola deve agir como ambiente de conhecimento, óbvio. Mas pelas circunstâncias, também como casa de "abrigo e resgate". Muito além da função institucional. E deve ter coragem de cobrar de quem de direito, os investimentos necessários. Isso dificilmente é feito, por circunstâncias da má política.

d) Pelo governo.

O governo é, sem dúvida, o maior responsável. Quando negligencia suas atribuições, que vão desde a manutenção de instalações físicas, pessoal, pedagógica, desportiva, profissionalizante, contribui para a violência. Some-se a isso o negligenciamento das políticas públicas que afetam diretamente o público escolar.

Entrevista com a orientadora e ex-diretora de escola Zenilda.

1- Você já viu violência de alunos na escola? Como?

Sim, já presenciei algum tipo de violência na escola.

2- Qual a responsabilidade dos alunos pela violência na escola?

A responsabilidade dos alunos na escola é assumida pelo aluno conforme as normas disciplinares da escola e Sempre que possível procura-se envolver a família para um trabalho de parceria família e escola.

3- Por que acontece a violência na escola?

Apesar de a escola desenvolver projetos voltados para a convivência saudável, de vez em quando nos deparamos com algumas atitudes de violência.

4- Você vê responsabilidade do professor pela violência? Qual?

Hoje em dia a escola como um todo, incluindo toda a comunidade escolar passou a assumir o papel da família, que é o de passar valores básicos como o respeito e o amor ao próximo.

5- O que você acha que pode ser feito para reduzir a violência na escola?

a) Pelo professor na sala de aula.

Não respondeu.

b) Pela família.

Não respondeu.

c) Pela escola, instituição.

Reduzir a distância entre escola e família, por através projetos que envolvam a família.

d) Pelo governo.

Reduzir o número de alunos por sala de aula; a escola deveria ser mais equipada com bons laboratórios, que funcionassem no contra turno para complementar as aulas, além de oficinas de artes: música, teatro e dança; bastaria que o governo cumprisse o que rege a Constituição Federal, no que se refere a oferta de saúde, segurança e educação de qualidade. Muitas vezes encaminhamos alunos para atendimento na área da saúde, principalmente mental e as famílias não conseguem o atendimento. Temos que insistir muito inclusive com parcerias particulares para conseguir.

Entrevista com a professora de Geografia, hoje inspetora, Tânia.

1- Você já viu violência de alunos na escola? Como?

Sim. Violência física e agressões verbais (racismo, homofobia, bullying, entre outras).

2- Qual a responsabilidade dos alunos pela violência na escola?

Quando presenciei eles eram os principais protagonistas. Tanto praticando a violência contra colegas, como contra professores e assistentes da educação. Algumas vezes, eles são vítimas de professores despreparados, descompromissados e até, doentes. Além de serem, também, alvos de traficantes que agem dentro da escola ou em seus arredores.

3- Por que acontece a violência na escola?

A violência é comum em todas as esferas sociais. A escola é um micro espaço social, por isso, a violência dentro da escola tem diversos motivos. Internos e externos ao ambiente escolar.

Você vê responsabilidade do professor pela violência? Qual?

A maioria das vezes são conflitos gerados por características próprias de cada faixa etária, como os problemas típicos da adolescência: necessidade de autoafirmação,

necessidade de ser aceito por um grupo, disputas por espaço, por namorados ou amigos, resistência à autoridade e ao cumprimento de normas. Outro aspecto que contribui é a falta de infra estrutura da escola e a carência de recursos materiais e humanos. Assim como a vulnerabilidade causada pela falta de segurança. Outras vezes a violência é gerada por problemas externos: conflitos familiares que desequilibram o indivíduo e o deixam instável emocionalmente, dependência química e envolvimento com gangues, situações de pobreza que exclui os jovens do mercado de consumo, apesar de serem seduzidos continuamente a consumirem pelos mais variados meios de comunicação, a exaltação do "ter" em detrimento do "ser", levando à perda de valores e à banalização da vida, a falta de políticas públicas direcionadas à juventude e até as igrejas e outras instituições que propagam a intolerância e incitam a violência.

Você vê responsabilidade do professor pela violência? Qual?

A responsabilidade do professor começa pela elaboração do Projeto Político Pedagógico que deve levar em conta as características da comunidade da escola na definição de todo trabalho do ano letivo. O PPP deve identificar situações de risco/conflito e medidas que possam sanar ou amenizar os problemas. Deve conter também atividades que promovam a valorização do estudante, elevando sua autoestima, tentando resgatá-lo e tornando-o corresponsável pela harmonia no ambiente escolar.

O professor é responsável pela execução do planejamento. Ele deve estar atento a todas as situações conflitantes, aproveitando esses momentos para reflexões, discussões e intervenções. Sendo um conciliador deve contribuir para um ambiente de harmonia. Ele se torna responsável pela violência quando se omite ou promove o desrespeito e a intolerância.

4- O que você acha que pode ser feito para reduzir a violência na escola?

a) Pelo professor na sala de aula.

O professor contribui à medida que zela pelos direitos humanos e promove a formação de hábitos e atitudes como respeito, tolerância e autoridade. E exerce o papel de conciliador.

b) Pela família.

A família sendo o primeiro núcleo social, também é a principal educadora e deve promover um ambiente de amor e respeito. Deve colaborar com a escola e acompanhar o desenvolvimento da criança/adolescente e cobrar comportamentos sociais aceitáveis.

c) Pela escola, instituição.

A escola deve dar a infraestrutura necessária para o desenvolvimento integral do ser humano, principalmente no que tange a formar cidadãos críticos, conscientes e ativos em sua comunidade.

d) Pelo governo.

O governo tem o dever de suprir as necessidades básicas do cidadão e promover políticas públicas que visem a inclusão nos seus mais diversos aspectos, além de propiciar segurança

Questionário: A violência nas escolas - Alunos do CEF 03 de Taguatinga, DF - 9º ano - Junho/15.

1- Você já sofreu violência na escola? Como?

- Violência Verbal em relação ao sobrenome;
- Violência verbal, pois a pessoa estava passando por um momento difícil;
- Bullying por ser magra e usar óculos;
- Bateram e xingaram;
- Meninas que se acham as tais e quiseram me bater e gostam de brigar sem motivo;
- Violência verbal;
- Bullying por ser baixinho e às vezes era agredido;
- Tentei evitar que uma colega fosse agredida e a agressora tentou me agredir;
- Brincadeiras de mau gosto e que machucam;

- Racismo;
- Tapa na cara, por responder um menino que me mandou ficar ligado;
- Chamavam-me de formiguinha;

2- Qual a responsabilidade dos alunos pela violência na escola?

- Evitar provocações e em caso de haver provocações retirar-se;
- Não brigar e responsabilizar por sua própria vida;
- Alguns alunos são encrenqueiros e procuram confusão por motivos fúteis;
- Os alunos devem zelar pela escola tanto do nome quanto do ambiente;
- Ter responsabilidade de que a escola é lugar de estudo e de conhecimento e não violência;
- Ter consciência de que o dever de preservar a escola é dele;
- Ajudar os colegas, respeitar os pensamentos alheios e tentar não se envolver em nenhum tipo de briga;
- Contribuir para tornar a escola um ambiente bom e saudável;
- Não responder a violências, não se exaltar com qualquer coisa;
- Mudar nossas atitudes;
- Às vezes uma conversa sua com seus colegas pode mudar tudo;

3- Por que acontece a violência na escola?

- Não recebeu uma boa educação na escola;
- As coisas ruins do seu dia a dia;
- Por que tem preconceito, não ajuda ou respeita o próximo;
- Às vezes começa com uma brincadeirinha, que passa para a violência verbal, insultos, ameaças e violência física. O agredido não denuncia por medo;
- Problemas externos a escola e que são resolvidos nela;

- Desrespeito entre alunos e professores e alunos e servidores;
- Falta de educação e atenção em casa;
- Maus exemplos em casa, brigas;
- Influência da televisão, jogos e colegas;
- Sentimento de exclusão;
- Famílias desestruturadas e jovens com problemas;
- Pode estar acontecendo alguma coisa em casa como violência doméstica;
- Discriminação de cor, gente sem coração;
- Muita gente não tem respeito e acham que a violência resolve;
- Os alunos não tem paciência, são ignorantes e querem estar sempre com a razão;
- Uns querem ser melhores que os outros;
- Por raiva ou prazer;
- Certas pessoas acham certo magoar outras pessoas com palavras ofensivas;
- Ciúmes de amigos, amigas, namorados, namoradas ou discussões;
- Porque ninguém faz a sua parte, gentileza gera gentileza;
- Más companhias, andando em lugares errados sem autorização ou conhecimento dos pais;
- Falta de juízo;
- Intimidação, “encaradas”, se envolve em coisas erradas;
- São mal orientados e não sabem resolver seus problemas de outra maneira;
- Não se liga para o sentimento dos outros;
- Os professores perdem a paciência e começam a agredir os alunos verbalmente. Os alunos se esgotam muito facilmente, muitas vezes por que as famílias são pobres e existe muita violência dentro de casa e seguem o exemplo dos pais;

- Por causa da divisão de classes onde os considerados pobres, muitas vezes recorrem à violência e ao crime;
- Convivência com a violência na família;
- Por causa das diferenças individuais; cada pessoa tem sua individualidade;
- Pessoas usam armas e ameaçam apenas por que você olha para elas;
- Por que uns não respeitam o espaço do outro, a opinião dos outros e não sabem ouvir;
- Preconceito e discriminação pelo local onde outras pessoas moram;
- Desestruturalização das famílias, desvalorização da educação;
- Descomprometimento dos professores, dos gestores e omissão em chamar a família dos adolescentes.
- Ninguém respeita mais ninguém;
- Exclusão social e preconceito;
- Falta de sentimentos;
- A família não sabe lidar com o problema;
- Não há visão de um futuro melhor;
- Muitos só veem nas aparências;
- A escola precisa ser mais rígida;
- As pessoas estão aprendendo a praticar violência com a sociedade;

4- O que você acha que pode ser feito para reduzir a violência na escola?

a) Pelo aluno.

- Comunicar a alguém que tenha poder na escola, professor, coordenador, direção;
- Não deprender, pichar, agredir;

- Seguir regras e normas escolares, ter diálogo, fazer amizades, respeitar o próximo;
- Não cometer bullying;
- Aprender a conviver em sociedade;
- Não julgar os colegas por diferenças;
- Procurar fazer a diferença e zelar pelo ambiente escolar;
- Ser ordeiro e disciplinado;
- Ajudar a evitar a violência e as pessoas a lidar com elas;
- Para de acusar uns aos outros, não querer ser melhor que os outros;
- Fazer o que tem que ser feito na escola, prestar atenção às aulas, estudar e fazer as atividades propostas;
- Não praticar e se ver denunciar;
- Para de atacar os outros por motivos fúteis como não gostarem do outro ou esbarrões;
- Não se envolver com amizades erradas;
- Tratar as pessoas bem;
- Sempre pedir desculpas por qualquer motivo;
- Não praticar justiça com as próprias mãos;
- Ser solidário, unido, bondoso, não fazer coisas erradas;
- Alunos devem ser pacientes e não enfrentar os professores, eles tem a maior responsabilidade e devem se conscientizar sobre o problema;
- União dos alunos para evitar brigas;
- Seguir os conselhos dos mais velhos
- Devem respeitar colegas e funcionários;

- Muitos alunos não se preocupam por praticar a violência;
- Evitar a discriminação social;
- Não permitir brincadeiras desrespeitosas;
- Denunciar o uso de drogas;
- Alunos dispostos a aprender;
- Não ligar para a opinião dos outros;

b) Pela família.

- Conversar com os responsáveis pelo aluno agressor junto com a direção;
- Honrar e respeitar a começar pelo mais velho, dá o exemplo;
- Apoiar o agredido, registrar queixa contra o agressor e não deixa-lo sair impune mesmo que a violência seja verbal;
- Ensinar o caminho certo;
- Ensinar que a violência é coisa ruim para a sociedade, dar conselhos;
- Educar desde cedo para que quando cresçam se tornem pessoas educadas e contra a violência;
- Conversar para descobrir o motivo da violência;
- Procurar orientação de um profissional da escola ou de qualquer outro lugar e se prevenir contra a violência;
- Acompanhar os filhos na escola, conversar e procurar entender o que se passa na cabeça dos filhos;
- Ensinar em casa com amor, carinho e rigidez;
- Orientar os filhos a respeitar ao próximo;
- Ao invés de agredir, conversar;
- Ter mais contato com seus filhos, estar presente na vida cotidiana;

- Observar o comportamento do filho e qualquer coisa estranha entrar em contato com a escola;
- A família deve ser mais rígida;
- Educação vem de casa;
- Não aceitar desrespeito dos filhos;
- Sentar com seus filhos e estabelecer as regras;

C) Pela escola

- Tomar sérias providências como advertir, conversar ou expulsar, castigos, se acontecer de novo;
- Atividades e projetos em grupo para melhorar o relacionamento entre os alunos;
- Fazer atividades em grupos com os familiares;
- Ouvir, ter uma conversa séria e civilizada com os envolvidos;
- Projetos contra a violência no Brasil;
- Conscientização;
- Projetos culturais fora da escola;
- Normas de respeito, valorização ao próximo;
- Vigiar os alunos para que cumpram regras;
- Desenvolver projetos voltados para a cultura da paz, inclusive com as famílias;
- Os alunos querem se expressar e fazem isso de forma errada, pois na escola não tem projetos que favoreçam isso;
- Conversas abertas entre professores, pais e alunos;
- Melhorar o diálogo entre professores e alunos;
- Acompanhar não apenas nos dias de reunião quando percebem que seu filho foi mal;

- Palestras e campanhas;
- Prestar mais atenção nos alunos e atender rapidamente quando ocorrer uma denúncia;
- Ter mais paciência com os alunos e conversar sobre isso nas salas de aula;
- Os alunos deveriam participar mais das decisões da escola;
- Educar os pais para que conversem mais sobre o assunto com os filhos;
- Criar regras de convivência juntamente com os alunos;
- Descomprometimento dos professores e omissão da direção por não chamar as famílias dos adolescentes envolvidos em conflitos;
- Suspender alunos que brigassem ou desrespeitassem os colegas;
- Melhorar a estima dos alunos;
- Debates entre pais, alunos e professores;
- Professores dispostos a ensinar;

D) Pelo governo.

- Projetos de esportes;
- Fazendo leis para evitar a violência;
- Punições;
- Policiais dentro e na porta das escolas;
- Projetos culturais fora da escola;
- Contratar bons professores;
- Criar leis para punir menores de idade;
- Criação de políticas públicas voltadas para a prevenção e combate ao ciclo vicioso que é a violência dentro do espaço escolar;
- Apoiar as medidas das escolas;

- Segurança;
- Menores de idade serem presos quando cometem crimes;
- Respeitar os cidadãos, cumprindo o que prometem;
- Reforço moral;
- Corrupção causa violência;
- Aplicar a lei para quem comete bullying;
- Dar verbas, estrutura às escolas e programas de orientação;
- Mostrar vídeos educativos a população com cenas de violência para que vejam que não é certo;
- Discutir mais a violência na TV;
- Construir escolas com mais qualidade;
- Investimento maior em educação e em infraestrutura das escolas;
- Imposição de penas previstas em lei a quem cometeu ou aos pais responsáveis, indenização às vítimas e família;
- Acabar com a ética da psicologia do coitadinho;
- Melhorar o gasto do dinheiro público;
- Câmaras nas escolas;
- Campanhas para incentivar a denúncia de violências;

5) Violência praticada pelo professor contra o aluno.

- Xingamentos;
- Bate boca entre professor e alunos;
- Respeitar os professores;
- Preconceito;

6) Violência praticada pelo aluno contra o professor.

- O professor quer educar e o aluno não quer aprender;
- Não tem diálogo;

7) outros

- Normas que ensinem os alunos a respeitar principalmente os professores;
- Eleger pessoas que saibam lidar com jovens e adultos para que possam melhorar nosso planeta;
- Já fui assaltado e sequestrado;
- Com respeito não há violência;
- Traz consequências psicológicas gigantescas;